

## O Monge dos Cariris e o moço Caetano<sup>1</sup>:

Ariano Suassuna, Caetano Veloso e os emblemas de uma disputa armorial-tropical

Willians Alves da Silva<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo pretende analisar as disputas culturais e ideológicas protagonizadas pelo paraibano Ariano Vilar Suassuna e o baiano Caetano Emanuel Viana Teles Veloso. Ariano Suassuna foi abertamente adepto de um pensamento mais conservador e tradicional, defendendo a cultura popular brasileira como tributária de uma autêntica herança ibérica e de raízes populares. O dramaturgo, famoso por criar o Movimento Armorial (1970), possuía um discurso polêmico sobre a modernidade e seus artistas contemporâneos, considerando os nomes *Lady Gaga* e *Michael Jackson*, por exemplo, como verdadeiros “lixos culturais”. Caetano Veloso, por outro lado, era defensor dos movimentos de vanguarda, como o Tropicalismo dos anos de 1968; além de mostrar ser um assíduo partidário da renovação cultural, implementando na música popular brasileira elementos do *rock* (guitarras elétricas) e do *pop*. Caetano era adepto de uma cultura mais hedonista, buscando insaciavelmente pelo novo e pelo “florescer contemporâneo de mil novas formas de sentir e de pensar”. Contando com o *corpus documental* composto por entrevistas, documentários e fontes jornalísticas, o estudo tenta mostrar como os embates travados entre o dramaturgo de Taperoá (PB) e o músico baiano se configuram, através do armorial e do tropicalismo, em uma disputa estética por um lugar legítimo na cultura brasileira.

**Palavras-chave:** História. Cultura. Ariano Suassuna. Caetano Veloso. Disputas discursivas.

**Abstract:** This article aims to analyze the cultural and ideological disputes between Ariano Vilar Suassuna from Paraíba and Caetano Emanuel V.T. Veloso from Bahia. Ariano Suassuna was openly a supporter of a more conservative and traditional way of thinking, defending Brazilian popular culture as having an authentic Iberian heritage and popular roots. The playwright, who famously created the Armorial Movement (1970), had a polemical discourse on modernity and its contemporary artists, considering the likes of Lady Gaga and Michael Jackson, for example, to be "cultural trash". Caetano Velosos, on the other hand, was a supporter of avant-garde movements, such as Tropicalism in 1968; he was also an avid supporter of cultural renewal, implementing elements of rock (electric guitars) and pop into Brazilian popular music. Caetano was a fan of a more hedonistic culture, searching insatiably for the new and for the "contemporary flowering of a thousand new ways of feeling and thinking". Using a documentary corpus made up of interviews, documentaries and journalistic sources, the study tries to show how the clashes between the playwright from Taperoá and the

---

<sup>1</sup> O título faz alusão a duas expressões. “Moça Caetana”, ou “Onça Caetana” é uma figura simbólica que representa a morte no arquétipo mitológico inventado por Ariano Suassuna (A “Moça Caetana” também é famosa no folclore nordestino, possuindo os mesmos significados). A expressão “Monge dos Cariris” foi extraída da entrevista feita por Carlos Tavares e Blenda Souto MAIOR. Cf. Blenda Souto. TAVARES, Carlos. A sete chaves. *Correio Braziliense*. Diversão & Arte. Brasília, quarta-feira, 2 de novembro de 2011, p. 05.

<sup>2</sup> Graduado em História pela Universidade Federal do Piauí - UFPI (2021), mestre em História do Brasil pela mesma instituição (PPGHB - UFPI) e doutorando em História do Brasil pelo Programa da Pós-graduação de História da Universidade Federal do Piauí -UFPI. Desenvolve pesquisas sobre História Cultural, História e Literatura, Lima Barreto, Primeira República, Escrita de si, Cultura Popular, Ariano Suassuna e Movimento Armorial. E-mail: [williansalves@ufpi.edu.br](mailto:williansalves@ufpi.edu.br) Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2290002490434322>.

musician from Bahia are configured, through Armorial and Tropicalism, in an aesthetic dispute for a legitimate place in Brazilian culture.

**Keywords:** History. Culture. Ariano Suassuna. Caetano Veloso. Discursive disputes.

### **The Monk from Cariris and the young Caetano: Ariano Suassuna, Caetano Veloso and the emblems of an armorial-tropical dispute**

#### **Ariano Suassuna e o “lixo cultural”**

Amante das raízes ibéricas; (re)criador de palavras; criador de cabras; ousado; destemido nas opiniões. Meio caricato, polêmico e arauto confesso da cultura popular. Batedor das heráldicas – o mensageiro que vai adiante abrindo caminhos, ostentando a flâmula dos costumes, da arte popular, da música sertaneja, do teatro nordestino. O paraibano que desconhece eufemismos; crítico ácido da cultura *pop*, das multinacionais e das grandes marcas estrangeiras. Nas palavras de Gilberto de Mello Freyre Neto para a publicação *Museu Armorial dos Sertões*<sup>3</sup>, Ariano Suassuna se tornara um demiurgo: “verdadeiro criador de um mundo cuja cosmologia é composta com o que há de mais profundo e sensível do Nordeste brasileiro” (FREYRE NETO, 2021, p. 11). Ariano, o criador do “Cosmos Armorial”, revestido de seu próprio “Ecossistema-Suassuna” – esse mundo cuidadosamente criado, forjado e lapidado de experiências felizes, latejantes e traumáticas. Eis um pouco do que seguiu sendo – durante 87 anos, um mês e sete dias – Ariano Vilar Suassuna, o *Quixote Nordestino*, e que também é Decifrador de Brasilidades, Palhaço de Dois Hemisférios, o Compadecido, o Dom Pedro Diniz Quaderna, o Cabreiro Tresmalhado, o Guerreiro do Sol<sup>4</sup>, o Monge dos Cariris.

Esse complexo que é o personagem Ariano Suassuna, e que muito se tem falado e elogiado desde a publicação de sua peça, em 1955<sup>5</sup>, parece ganhar cada vez mais a afirmação e legitimação do público brasileiro. “Ariano Suassuna”. Com e sem aspas. Um nome que tem seus próprios significados de acordo com o tempo e os contextos. Hoje, estabelecido como “Ariano, o Padrinho do Nordeste”, ou mesmo “o intelectual gente como a gente”. Esse

---

<sup>3</sup> *Museu Armorial dos Sertões*: Acervo Ariano Suassuna, caderno 01. Curadoria: Manuel Dantas Suassuna. Recife, dezembro de 2021.

<sup>4</sup> Termo retirado da matéria “Ariano Suassuna, Guerreiro do Sol”. In: SIQUEIRA, Luciano. Ariano Suassuna, Guerreiro do sol. *Vermelho*. Publicado em 25 de julho de 2014, editado em 04 de março de 2020, às 16:55h. Disponível em: <https://vermelho.org.br/2014/07/25/ariano-suassuna-guerreiro-do-sol/>. Acesso em 15 de dezembro de 2023.

<sup>5</sup> *Auto da Compadecida*, publicado pela primeira vez em 1955.

*Ariano-povo* parece traduzir e descomplexificar a cultura brasileira em múltiplos segmentos; enraíza-se no dramaturgo a didática pelo riso, as tramas e vivências cimentadas pelo gracejo. Às massas, um novo e (re)descoberto Nordeste, reinventado, (re)criado e defendido pelo paraibano; uma região culturalmente diferente, única, equatorial, tropical, *castanha*, romançal, legítima de uma verdadeira herança ibérica. *Ariano*, nome dado pelo pai em homenagem a um antigo santo-mártir, que havia sido um funcionário elevado na administração do Egito e que depois convertera-se ao cristianismo. *Suassuna*, das águas do movimento nativista que dera origem à independência do Brasil. Segundo comenta o paraibano, a família do seu bisavô era originária de um engenho chamado Suassuna, em Pernambuco. “Meu bisavô adotou como nome” – explicou Ariano em entrevista ao documentário “O Sertão mundo de Suassuna”.<sup>6</sup>

Vilar, aquele que acorda em seu público um sentimento de saudosismo, de camaradagem, de cumplicidade e fidelidade. É o truque do menino-palhaço; são as cartas do *Mestre do Circo*, que aproximam e faz lograr com tanto êxito o trinômio *autor-obra-público*; são as linhas do Mestre das marionetes, dos bonecos e mamulengos, que “não se conformou com a realidade e precisou reinventá-la a cada dia, a partir das palavras, desenhos, ideias e sentimentos” (MUSEU ARMORIAL DOS SERTÕES, 2021, p. 17). É também *Ariano-ventríloquo*, que empresta a sua voz reconhecida a muitos segmentos, projetos e instituições, legitimando vários espaços de saber e de poder.

As muitas e polêmicas opiniões de Ariano, que tiveram ampla ressonância na televisão, no rádio, nos jornais, nas aulas-espetáculo e entrevistas, nos ajudam a entender um pouco dessas complexas e sinuosas camadas acerca de suas defesas, por meio de múltiplos discursos, da cultura popular, do Nordeste e do Brasil tradicional. Muito do que se define por tradições antigas no discurso de Ariano são, na verdade, bastante recentes, quando não são inventadas (HOBSBAWM; RANGER, 2020, p. 07). Em entrevista para *O Globo*, em outubro de 1996, por exemplo, Ariano Suassuna apresentava a seguinte opinião sobre importantes figuras da música pop: “Não posso aceitar (...) o lixo cultural, um subproduto da indústria cultural americana. Não venham exigir que eu ache que Michael Jackson e Madonna têm a mesma importância que H. Melville ou Euclides” (O GLOBO, 1996). Essa aversão ao que é estrangeiro e, principalmente a tudo o que contempla a cultura norte-americana, é algo que percorre toda a trajetória de Ariano Suassuna. E não só isso. O desprezo pela língua inglesa, pelas palavras híbridas e enfeitadas de estrangeirismos, pela cultura *pop* – suas expressões, ícones e marcas – chegam a arrancar, ao mesmo tempo, verdadeiros arroubos e assombros do

---

<sup>6</sup> *O SERTÃO MUNDO DE ARIANO SUASSUNA*. Direção: Douglas Machado. Produção: Trincafilmes, em parceria com o Instituto Dom Barreto, 2001. DVD, (76 min).

público que ouve atentamente as críticas severas do paraibano a todo esse estrato multimidiático e cosmopolita.

Segundo explica Eric J. Hobsbawm (2020), na medida em que há referência a um passado histórico, as tradições inventadas caracterizam-se por estabelecer uma espécie de continuidade bastante artificial como esse mesmo passado. Dessa forma, tais tradições “são reações a situações novas que ou assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase obrigatória (HOBSBAWM; RANGER, 2020, p. 08). Na opinião de Ariano, à guisa de exemplificação, a cultura popular, os valores tradicionais de uma cultura brasileira, enraizada em mitos ibéricos, clássicos e, principalmente a cultura nordestina, não podem sujeitar-se ao mundo perdido da *Times Square*, do *Louvre* ou de grandes corporações, como os estúdios *Walt Disney*. Tudo aquilo que se afasta da península ibérica parece se descaracterizar e se transformar em cultura duvidosa, gananciosa, multinacional, eufórica, descredibilizada e sem sustentação.

Aquilo que o paraibano considera como alienação e sinônimo de cultura enlouquecida foi verbalizado nas muitas entrevistas, aulas e depoimentos que concedeu. Em uma famosa entrevista de 2007 para o programa *Fantástico*, da Rede Globo, o paraibano era apresentado como o “Decifrador de Brasilidades”: um dos principais defensores da cultura nacional. Nas palavras da apresentadora Glória Maria, o autor de *Auto da Compadecida* elegia aquilo que deveria ser considerado lixo e o que merecia ser chamado de obra-prima da nossa cultura” (FANTÁSTICO, 2007). Com timbre forte e marcante, o narrador da vinheta apresentava Suassuna como um combatente que vivia em constante guerra contra o lixo cultural, e que estaria disposto a dar (naquela entrevista), sem medo algum, “nome aos bois”.

Na ocasião do ano de 2007, chamado de “O ano de Ariano Suassuna” – em comemoração aos 80 anos de vida do paraibano – a Rede Globo começaria a exibir uma minissérie inspirada na obra *Romance d’A Pedra do Reino*. Sob todo esse clima festivo, e guiado por perguntas formuladas pelo jornalista Geneton Moraes Neto, a entrevista seguia:

GENETON: O senhor já disse que considera a *Disneylândia* o maior monumento já erguido à imbecilidade humana. Qual é o grande monumento já erguido à imbecilidade no Brasil?

ARIANO: Acho que a réplica da Estátua da Liberdade, que construíram na Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro. Ainda não estive lá não, mas já estou com raiva dela. Porque eu não gosto nem da original, quanto mais uma réplica de segunda classe feita no Brasil (PROGRAMA FANTÁSTICO, 2007).

À indagação sobre quem, possivelmente, Ariano Suassuna daria de bom grado o título de “representante número um do lixo cultural”, o paraibano devolveu: “Olha, eu pensaria em dar em primeiro lugar, já que estamos falando no tempo de hoje, eu daria a *Michael Jackson*, mas eu já estou com pena dele [...]” (SUASSUNA, 2007). Nisso Suassuna explica que os americanos inventam os mitos falsos, como o “rei do pop”, e depois os destroem; ou seja, Michael Jackson já estaria, na visão de Ariano, completamente destruído. As perguntas prosseguem:

GENETON: Em que situação o senhor compraria um disco de uma artista como Madonna ou Michael Jackson?

ARIANO: Numa situação de extrema penúria intelectual, e econômica, e moral, e mental, porque se você me vir comprando qualquer coisa desse tipo, pode me internar que eu não tô no meu juízo perfeito não (PROGRAMA FANTÁSTICO, 2007).

Após aplicar seus valores ao campo da música internacional, Ariano Suassuna ainda desprende elogios fervorosos ao Santuário de Congonhas, “onde estão os doze profetas esculpidos em pedra sabão pelo Aleijadinho”. Segundo o dramaturgo, este, com certeza, pode ser considerado como a maior obra de arte já produzida no Brasil, assim como Villa-Lobos é a maior expressão no campo da música e *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, poderia ser facilmente chamada de a maior obra escrita da literatura brasileira. Mas voltemos ao posicionamento de Ariano sobre o “lixo cultural”.

A entrevista despertou risos, amores e dissabores no público geral, principalmente no meio cultural da cidade do Recife. Seu ex-aluno de Estética, por exemplo, o cineasta, professor e escritor pernambucano Jomard Muniz de Britto criticou Ariano pelo preconceituoso posicionamento em rede nacional. Segundo o *Jornal do Commercio*, Jomard teria ironizado: “Vou fazer uma campanha nacional para promover Ariano Suassuna como novo imperador da cultura brasileira. Ele sempre sabe tudo. Agora, para sua posse no cargo vou chamar *Madonna* e *Michael Jackson*???” (*Jornal do Commercio*, 2007).

Em outra oportunidade, o “Quixote Nordestino” também descortinou novas camadas de opiniões sobre os artistas musicais da contemporaneidade. Em uma aula-palestra ministrada no Supremo Tribunal Federal (STF), em 18 de abril de 2012, Ariano Suassuna expunha:

Eu me preocupo muito com esse processo de vulgarização e de descaracterização da cultura brasileira. Eu me preocupo e, principalmente, reclamo um pouco contra os meus pares. Eu acho que é dever de todos nós escritores, jornalistas, juízes [...] de chamar a atenção, pelo menos, para o fato de que certas coisas que nós estamos vendo não são normais não.

Porque já está ficando normal, já está ficando comum. Tudo o que nos aparece nos é empurrado de goela abaixo como arte de primeiro mundo, e quando a gente se opõe nós somos chamados de arcaicos; mas eu vejo certos falsos ídolos que andam por aí [...] (AULA ESPETÁCULO DE ARIANO SUASSUNA NO TST, 2012).

“Falsos ídolos” é uma expressão comum nos discursos de Ariano. Leitor assíduo da Bíblia, pode-se arriscar que tal locução pode vir a ser mais uma característica do seu pensamento cristão. “Sua terra está cheia de ídolos. Eles se inclinam diante da obra das suas mãos, diante do que os seus dedos fizeram” (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2019, Isaías 02:08). Com isso, Ariano Suassuna parece atribuir à cultura popular e erudita – a que considera verdadeira e autêntica cultura brasileira – um caráter de “deus verdadeiro”; todo o resto, principalmente no que diz respeito à “cultura cosmopolita” estrangeira, é idolatria e adoração aos ditos falsos ídolos. Continuando seu discurso no STF, o paraibano manifesta novas opiniões sobre os ditos “falsos ídolos”. Desta vez, as críticas recaíram sobre a cantora Stefani Joanne Angelina Germanotta, ou como é conhecida mundialmente, *Lady Gaga*:

[...] olha, existe agora uma tal de Lady Gaga. Eu não vou nem...ela deve tá muito preocupada lá: “Suassuna não gosta de mim”. Mas, eu vou dizer uma coisa a vocês. Se o nome dela fosse Lady Gaga, eu ainda perdoaria, mas não é não, o nome dela é outro; eu não sei nem como é. O nome foi ela que escolheu. Agora eu vou dizer uma coisa a vocês: uma mulher que se senta...uma mulher ou um homem...que se senta numa mesa e diz “eu vou escolher o nome artístico pra mim,” e escolhe Lady Gaga, uma mulher dessa é imbecil aqui e em qualquer outro lugar do mundo. Essa mulher é idiota, tá certo! Eu nunca nem sequer ouvi, nem quero ouvir, eu tenho medo que seja contagioso [...], eu virar “Lord Gaga” (AULA ESPETÁCULO DE ARIANO SUASSUNA NO TST, 2012).

Analisando também as homenagens prestadas ao cantor Cazuza na televisão, o paraibano opinava: “eu tenho a maior compaixão das pessoas como Cazuza, coitado; morreu dilacerado naquela idade, jovem”. Em seguida, Ariano contrapõe:

Mas a frase que estavam citando dele (na televisão) ...ele disse “os meus heróis morreram todos de overdose”. E essas coisas estão passando aí e ninguém protesta. Aí eu disse: eu vou protestar! Porque o meu herói principal não sabia nem o que era uma overdose. Ele morreu crucificado entre dois ladrões. [...] Então, é preciso que a gente afirme esses valores. Tem que afirmar sem ter medo, sem ter medo de ser considerado arcaico. [...] Tudo bem a nossa compaixão, eu entendo direito, como todo ser humano. E ele que era sofredor, dilacerado. Mas, ele dizer uma frase dessas...essa é uma frase altamente prejudicial para a nossa juventude tá ouvindo. E a gente tem que se levantar [...]. Porque estão nivelando o gosto pelo gosto médio; é a

pior coisa que pode acontecer (*AULA ESPETÁCULO DE ARIANO SUASSUNA NO TST*, 2012).

Os posicionamentos de Ariano Suassuna, neste sentido, precisam ser diferenciados do conceito de costume, vigente nas sociedades ditas tradicionais. Para Hobsbawm (2020), o objetivo e a característica das “tradições”, inclusive das inventadas, é a invariabilidade: “o passado real ou forjado a que elas se referem impõe práticas fixas, [...] tais como a repetição” (HOBSBAWM; RANGER, 2020, p. 08). Por outro lado, o costume não impede as inovações e pode mudar, até certo ponto, “embora evidentemente seja tolhido pela exigência de que deve parecer compatível ou idêntico ao precedente” (HOBSBAWM; RANGER, 2020, p. 08-09).

Segundo ainda o posicionamento do dramaturgo (para a mesma entrevista com Geneton Moraes Neto), ao comentar a presença do grupo *Rolling Stones* no Brasil, a coisa mais melancólica que poderia existir no mundo era a visualização de um “roqueiro velho”: “Eu nunca vi um bando de velho minhoqueiro, da minha idade, feio [...] (AULA ESPETÁCULO DE ARIANO SUASSUNA NO TST, 2012). Sobrou crítica até mesmo para a banda paraense *Calypso*, onde Suassuna desdenhava de um jornal de São Paulo que trazia na primeira página elogios ao conjunto musical: “Repare o que afirmou [...] Eduardo Miranda: a Calypso é a verdade do povo brasileiro. Eu me senti pessoalmente insultado [...]. Deus me livre! O *Chimbinha* é um guitarrista genial????” (AULA ESPETÁCULO DE ARIANO SUASSUNA NO TST, 2012).

É por conta dessas e de outras tantas opiniões polêmicas que Ariano Suassuna virou alvo de inúmeras críticas e contradições. O *Arauto da Cultura Popular* começou a sofrer excessivas desaprovações, vindas também de veículos da imprensa, da mídia, de autores de blogs, cineastas, escritores e músicos. Um exemplo de reprovação ao pensamento conservador de Ariano pode ser observado em um artigo de opinião publicado pelo jornalista, escritor, agitador cultural e músico Alex Antunes: “Me perguntei algumas vezes se deveria escrever este texto. Porque o principal que tenho a dizer sobre Ariano Suassuna é que ele era um velho burro e chato” (ANTUNES, 2014). A matéria de 2014 parecia inoportuna para o momento, tendo em vista o falecimento de Ariano no mesmo ano; mas Antunes (sem economizar ofensas) ainda assim parecia extremamente incomodado com a forma de pensar do escritor paraibano:

Mau momento para lembrar o seu principal defeito: **a profunda e total incompreensão da natureza da cultura pop**. Eu tinha desistido de

escrever. Mas eis que a televisão de domingo o mostra numa entrevista, atacando, com volúpia e deboche, Michael Jackson e Madonna, além da réplica da estátua da Liberdade na Barra da Tijuca. Ora, é fácil concordar com ele que a réplica da estátua é um monumento à imbecilidade *playba*. E que Michael Jackson (esse trecho não passou no domingo) é digno de pena, pela forma como foi explorado e depois massacrado pela mesma indústria cultural. Mas Suassuna os atacava pelas razões erradas. **Não há “superioridade” da cultura brasileira, e em particular da nordestina, sobre a cultura pop internacional.** Por uma razão muito simples: o sistema arquetípico sobre o qual elas se constroem é exatamente o mesmo. **A mesma graça que há nos modos e sotaques regionais pode ser vista em expressões culturais globais. A cultura pop é simplesmente o “folclore sintético”.** O que está por trás do Batman, do Super Homem, dos filmes policiais negros da *blaxploitation* ou da Madonna são os mesmíssimos arquétipos que animam os mitos gregos do Monte Olimpo, as lendas dos orixás das religiões africanas ou os arcanos do Tarô. **Não é à toa que Suassuna implicou tanto com os tropicalistas (de maioria baiana) quanto com o manguebeat que surgiu no seu estado de adoção, Pernambuco.** Dizia que falaria com Chico se ele tirasse o Science do nome, e que a música da Nação Zumbi era “de quarta categoria”. **Suassuna se irritava porque esses nordestinos decifraram as matrizes em comum que existem na cultura popular brasileira e em qualquer expressão cultural.** Ao mesmo tempo em que escapavam do purismo elitista e castrador, propunham uma forma nacional, desinibida e não-colonizada de cultura pop (grifo meu) (ALEX ANTUNES, 2014).

Alex Antunes colocava em pé de igualdade tanto a cultura popular-tradicional, defendida por Ariano, quanto a cultura de massa e global, pois, segundo observa, não poderia haver superioridade da cultura brasileira, “e em particular da nordestina sobre a cultura pop internacional”. Ariano também não poderia fugir da alcunha *pop*, principalmente a se julgar pela microssérie exibida pela Rede Globo, e de grande ressonância, “O Auto da Compadecida”. A sua iniciativa estética lançada em 1970, o Movimento Armorial, teve também grande impacto e influência na cultura pernambucana; no entanto, para Antunes, o Armorial “fazia sempre a trajetória inversa do tropicalismo, do manguebeat e do modernismo antropofágico – as mais generosas e brasileiras das expressões, exatamente pelo não-purismo”. Ainda segundo o autor do blog, o paraibano não aceitava os aspectos bastardos da cultura popular; pelo contrário, queria adensá-la e refiná-la numa expressão erudita. Assim sendo, como pensador cultural, era um “conservador odioso”. “Declarava-se “inimigo da colonização e do poder do dinheiro”, mas ele mesmo um colonizador de consciências e um guardião do *status quo*” (ANTUNES, 2014).

## **O Tropicalismo e o Armorial: as disputas ideológicas de Ariano Suassuna e Caetano Veloso**

Nesse discurso milimetricamente pensado para atrair e aderir, Ariano às vezes acerta, às vezes erra. Para um público específico, que paralisa encantado e de olhos mirados ao professor paraibano – que também envolve pelo perfil de celebridade com oratória quase *molièriana* – Ariano se transfigura em seus *ego*-personagens. A aula-espetáculo, assim, parece ser ministrada em tons de comédia satírica por vários figurões, em uma mistura quase inseparável. Nessa valsa dos personagens, troca-se rapidamente de pares, em uma sinfonia orquestrada por violas de dez cordas, por pífanos, marimbaus, rabecas, zabumbas, triângulos e acordeões (SANTOS, 2020): dança Ariano, entra Quaderna, tropeça João Grilo, saltita o Palhaço, ensoberba-se Caroba, escandaliza-se Chicó, rebela-se Cancão.

Muda-se o cenário. As cortinas se fecham, a valsa diminui, interrompida por cordas em um campo magnético. As interferências são captadas e transformadas em som. Um som amplificado eletronicamente. O campo de visão anterior, que privilegia valsas e as zabumbas, permite um jorro de luz em um Suassuna legítimo e dono de seus múltiplos campos discursivos – sendo glorificado cordialmente pelo grande público. Entretanto, há também que se observar a dinâmica dos seus contrários. Todo processo possui contrapontos. Existe, desde o tempo em que Ariano lecionava aulas de Estética na Universidade Federal de Pernambuco, e até mesmo antes, um público que o perscruta, que o espia com desdém. Um grupo que observa o palhaço-rei dançante, para lá e para cá, em grandes espetáculos, com grandes aplausos. Um público que o mira com outro olhar. Para esse outro lado da margem, Suassuna ganha, inclusive, outros epítetos: “velho burro e chato” (ANTUNES, 2014), “professor de bestética” (BRITTO; MARCONI, 1968), “professor compadecido e distorcido” (Marconi, 1968). Até mesmo de “instituição” (BRITTO, 2012) o paraibano fora chamado. O palhaço-rei se perde ao som das guitarras desconstruídas, esganiçadas e “descaracterizadoras” da cultura brasileira. Ele precisará lutar com afinco, criando suas próprias estratégias para não ser degolado.

Tais disputas estéticas e culturais, que ganharam amplitude e ressonância cada vez mais acirradas, foram responsáveis pelo drama dos manifestos e dos Movimentos, capitaneados por intelectuais pernambucanos entre os anos de 1960 e 1970. Esse “mal estar na cultura” (FREUD, 2019), é preciso que se explique, dilatou-se, inclusive, para além dos anos em que o Movimento Tropicalista e o Movimento Armorial foram criados; ou seja, dura até hoje o dilema e combate entre os ditos preservadores da cultura tradicional e os engajados por uma renovação na cultura brasileira. Para exemplificar um pouco, basta entender o antigo

confronto intelectual e cultural entre Ariano Suassuna e o músico Caetano Veloso, que nos anos 2000 foram protagonistas de interessantes disputas culturais. Em uma entrevista de 2004 para a *Revista Época*, Caetano Veloso discutia sobre os dilemas enfrentados por Gilberto Gil<sup>7</sup> no cargo de Ministro da Cultura:

ÉPOCA - O Ministério da Cultura criou uma secretaria para promoção da identidade nacional. Não é curioso isso acontecer sob a gestão de um antigo tropicalista?

Caetano - Pois é, a Tropicália enfrentou a questão da identidade e tratou de superá-la. Desde então, mudaram os pontos de referência. Parece difícil um ministério que tem Gil no comando sair por aí em busca de identidade. **Hoje esse tipo de ideia só tem dois defensores de plantão: o José Ramos Tinhorão e o Ariano Suassuna.** O Tinhorão criou argumentos sofisticados sobre o tema, mas é medíocre em suas sugestões artísticas. **O Suassuna é o gênio que escreveu O Auto da Compadecida e A Pedra do Reino, mas assume o papel de um palhaço pela obrigação de manter uma posição que acha sagrada. Ele promove a xenofobia fazendo a gente rir. O MinC não deveria defender essas posições pró-xenófobas** (REVISTA ÉPOCA, São Paulo, maio de 2004) (grifo meu).<sup>8</sup>

Com “promover a xenofobia”, Caetano estava se referindo a uma defesa cara a Ariano Suassuna, que é o incansável combate aos costumes “de fora”, aos estrangeirismos e, acima de tudo, à massificação da cultura norte-americana: “[...]minha luta em defesa do Português é entendida por mim como parte indispensável da outra, maior: a luta contra a entrega do nosso território, da nossa economia, da nossa identidade cultural [...]” (Suassuna, 2020). Quando Caetano afirmou que Tinhorão havia criado argumentos sofisticados sobre o tema, mas era medíocre em suas sugestões artísticas, o compositor reforçava uma antiga opinião dada à matéria “Que caminho seguir na música popular brasileira?”, concedida pela *Revista Civilização Brasileira*. Publicada em 1966, o músico afirmara que o livro<sup>9</sup> de Tinhorão defendia a preservação do analfabetismo como única salvação da música popular brasileira. Caetano contrapunha tais teses afirmando que se resistia ao tradicionalismo ligado ao analfabetismo resguardado por José Ramos Tinhorão, “como uma modernidade de ideia ou de forma imposta como melhoramento qualitativo” (GULLAR; VELOSO, 1966, p. 378).

As rixas dos tropicalistas com os intelectuais “de sugestões medíocres” acentuaram-se. Em matéria para a *Folha Ilustrada*, ao ser questionado se existia um processo de descoberta

<sup>7</sup> Gilberto Gil foi embaixador da ONU para a Agricultura e Alimentação, e ministro da Cultura do Brasil, entre 2003 e 2008, durante os dois primeiros mandatos do presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva.

<sup>8</sup> VELOSO, Caetano. Um mico planetário. *Revista Época*, São Paulo, n. 314, 24 maio 2004. Entrevista concedida a Luís Antônio Giron.

<sup>9</sup> Provavelmente Caetano Veloso se referia à obra *Música Popular: um tema em debate*, publicado em 1966.

da nacionalidade através do tropicalismo, Ariano Suassuna respondia: “não, pelo contrário... Eles compactuaram inocentemente. Eu acho que foi inocentemente” (SUASSUNA, 1991). A matéria aprofundava as intrigas:

Folha – O sr. gosta de Caetano Veloso?

Suassuna – Não, não gosto. Você quer saber o que eu gosto como música? Eu gosto de Villa-Lobos e Antonio Madureira, coordenador do Quinteto Armorial. Gosto de Guerra Peixe. Aí a pessoa vem dizer: mas ele é um grande poeta. Grande poeta brasileiro para mim é João Cabral de Melo Neto, Jorge de Lima e Janice Japiassu, a grande poetisa armorial do Nordeste. Eu não desço daí não. Meu nível é por aí. Bom, pode até parecer um elitismo de minha parte, mas é mesmo. O que a gente queria era procurar uma arte erudita brasileira em todos os campos (FOLHA DE SÃO PAULO – ALMANAQUE. São Paulo, sábado, 26 de outubro de 1991).

Nesse artigo de título tendencioso, *A 'Lista de Ouro' de Suassuna: criadores que merecem o trono da cultura brasileira*, de autoria do jornalista pernambucano Geneton Moraes Neto, Ariano Suassuna confirmava o seu desgosto por Caetano e outros artistas do Movimento Tropicalista, deixando claro as suas preferências quanto às várias expressões da cultura brasileira. Desfilavam na “lista de ouro” de Suassuna os artistas que, em qualquer área de produção cultural brasileira, melhor representavam o Brasil: nas artes plásticas, Aleijadinho, Francisco Brennand e Gilvan Samico; artes cênicas: Antonio José da Silva, o Judeu; Martins Pena, Qorpo Santo e Artur Azevedo; na literatura: Euclides da Cunha, Augusto dos Anjos; na música: José Mauricio Nunes Garcia, Villa-Lobos, Guerra Peixe, Ernesto Nazaré, Capiba e Antônio José Madureira; vídeo e cinema: Glauber Rocha, Nelson Pereira dos Santos, Vladimir Carvalho, Guel Arraes e Luiz Fernando Carvalho (NETO, 2014). Geneton Moraes prossegue, encurralando Ariano Suassuna com perguntas sobre a contribuição de Caetano Veloso e Gilberto Gil para a modernização da música popular brasileira:

GENETON: O senhor diz que não tem interesse pela obra de compositores da MPB, como Caetano Veloso e Gilberto Gil, porque eles são influenciados pela “massificação cultural americana”. O senhor não reconhece na obra de compositores como estes nenhuma contribuição para a modernização da música popular brasileira?

ARIANO SUASSUNA: Por iniciativa minha, jamais fiz qualquer referência a Caetano Veloso e Gilberto Gil. As pessoas que me entrevistam é que fazem perguntas a respeito deles e de outros. Depois, na maioria dos casos, quando publicam as matérias, ficam me acusando de radical e intolerante por causa das respostas que dou, porque não costumo esconder nem disfarçar o

que penso. Quanto a mim, não gosto de estar falando mal de nenhum companheiro de trabalho, principalmente quando se trata de pessoas que antes estavam do nosso lado e depois passaram a emprestar seu talento ao outro (*Gl. COLUNA GENETON MORAES NETO*, 24 de julho de 2014).

Ariano vai repetir muito em seus discursos a máxima “eles estavam antes do nosso lado”, para se referir à perda de membros importantes, e que um dia compactuaram com suas ideias sobre a cultura brasileira: “depois passaram a emprestar seu talento ao outro”. As inimizades entre Suassuna e Veloso não pararam por aí. Em um polêmico artigo de opinião para a *Folha de São Paulo*, chamado *Dostoiévski e o Mal*, Ariano discutia esteticamente aspectos sobre a ética e a moral, sobre o feio e o belo, a ordem e a desordem, o bem e o mal. E falava também de forma não muito amigável sobre os tropicalistas. Suassuna expunha:

As pessoas que julgam antiquada qualquer referência à moral, normalmente se envergonham de usar os critérios de bem e mal em qualquer julgamento, no estético em particular. Na minha época de juventude passei, como todo mundo, por uma fase em que julguei ter me desvencilhado de Deus e dos conceitos de bem e mal. Até o dia em que, lendo Dostoiévski, encontrei uma frase de Ivan Karamazov, que dizia: "Se Deus não existe, tudo é permitido". Descobri, na mesma hora, que as normas morais ou tinham um fundamento divino, absoluto, ou não tinham qualquer validade, porque ficariam dependendo das opiniões e paixões de cada um. Entretanto, como tudo o que o personagem dostoiévskiano dizia, a frase de Ivan não continha nem uma afirmação nem uma negação: lançava somente uma dúvida; uma ambígua dúvida da qual Sartre viria a fugir, afirmando: "Deus não existe, e, portanto, tudo é permitido". Eu, porém, apesar da minha extrema juventude, tirei da frase de Ivan a consequência contrária: **"Vejo que nem tudo é permitido; então, Deus existe"**. E, daí por diante, procurei ajustar minha vida e minha arte pela convicção a que chegara. É por isso que sempre considerei irresponsáveis e mal formulados tanto o princípio amoral estabelecido por Sartre quanto o lema leviano e tolo que os tropicalistas herdaram do movimento parisiense de 68: **"É proibido proibir"**. E certa vez, em debate realizado no Recife, indaguei, de um seguidor do lema, em que se fundamentava tal "proibição de proibir". Ele respondeu que era "numa ética libertária do prazer". Aí, coloquei, para ele, a seguinte hipótese: **"Digamos, então, que um sujeito saia por aí atirando em travestis e homossexuais, como tem acontecido. Se ele alegar que age assim por sentir prazer na prática de tal crime, deve lhe ser permitido continuar, para não ferir a norma de que é proibido proibir? Ou é melhor chegar à conclusão de que, pelo contrário, existem casos em que é permitido, e até obrigatório, proibir?"** E, como não obtive resposta satisfatória, cheguei mais uma vez à conclusão de que Hegel tinha razão ao considerar a arte, a religião e a filosofia como etapas no caminho do ser humano em direção a Deus, fundamento de qualquer norma moral que, por não depender do arbítrio individual, não se veja obrigada a considerar legítima até a realidade monstruosa do crime (FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo, terça-feira, 28 de setembro de 1999), (grifo meu).

Pelo teor conceitual e literário do fragmento, Ariano Suassuna procura fundamentar suas ideias e defesas através do viés moral-religioso: “Deus não existe, e, portanto, tudo é permitido”. Eu, porém, apesar da minha extrema juventude, tirei da frase de Ivan a consequência contrária: “Vejo que nem tudo é permitido; então, Deus existe”. Segundo o paraibano, é obrigatório, sim, proibir: “[...] é melhor chegar à conclusão de que, pelo contrário, existem casos em que é permitido, e até obrigatório, proibir.” Estaria Ariano Suassuna chamando os adeptos do tropicalismo de ateus e atiradores de homossexuais? A investida toca diretamente na ferida dos tropicalistas, principalmente por terem como um de seus lemas a máxima “É proibido proibir”, sentença que representa os projetos de renovação da música popular no Brasil e a intensificação dos movimentos sociais de oposição à censura promovida pelo golpe militar de 1964.

O discurso de Ariano está impregnado de uma moral cristã, cívica e tradicional. Valores que são caros ao paraibano desde que era menino; desde que presenciou o assassinato do pai João Suassuna em 1930. Tais valores compõem a couraça de suas defesas e pontos de vista. São os batedores de seus ideais; são as bandeiras que oscilam, mostrando ao longe o material intelectual, social e cultural de que é construído e fabricado Ariano Vilar Suassuna – os mesmos materiais que irão compor futuramente a fabricação do Movimento Armorial. Esse cimento político-cultural vai se tornando a base de seus princípios, acompanhando seus roteiros, projetos, sejam materializados em peças teatrais, romances, poesias, iluminogravuras e projetos culturais.

*É proibido proibir* se tornou ainda uma canção composta por Caetano Veloso em 1968, apresentada no Festival Internacional da Canção, sob muitas vaias.<sup>10</sup> Uma parte da letra da canção diz:

A mãe da virgem diz que não  
E o anúncio da televisão  
Estava escrito no portão  
E o maestro ergueu o dedo  
E além da porta  
Há o porteiro, sim

---

<sup>10</sup> De acordo com o site *Tropicália*, “um ano depois do impacto causado pelas guitarras nas canções “Alegria, alegria” (Caetano) e “Domingo no parque” (Gil), apresentadas no III Festival de Música Popular Brasileira da TV Record, Caetano Veloso e Gilberto Gil voltaram a surpreender o público no III FIC, Festival Internacional da Canção, promovido pela Rede Globo”. Caetano Veloso, acompanhado pelos Mutantes, defendeu “É proibido proibir” e Gilberto Gil, com os Beat Boys, “Questão de Ordem”. A apresentação de “É proibido proibir” acabou por se transformar em um happening acaloradíssimo naquela noite de domingo, 15 de setembro de 1968. “Na final paulista do FIC, realizada no Teatro da Universidade Católica de São Paulo, a música de Caetano foi recebida com furiosa vaia pelo público que lotava o auditório”. Fonte: <http://tropicalia.com.br/v1/site/internas/proibido.php>. Acesso em 01 de janeiro de 2024.

E eu digo não  
E eu digo não ao não  
Eu digo  
É! Proibido proibir  
É proibido proibir  
É proibido proibir  
É proibido proibir  
Me dê um beijo, meu amor  
Eles estão nos esperando  
Os automóveis ardem em chamas  
Derrubar as prateleiras  
As estantes, as estátuas  
As vidraças, louças, livros, sim  
[...]  
Caí no areal na hora adversa que Deus concede aos seus  
Para o intervalo em que esteja a alma imersa em sonhos  
Que são Deus  
Que importa o areal, a morte, a desventura, se com Deus  
Me guardei  
É o que me sonhei, que eterno dura  
É esse que regressarei  
[...] (LETRAS, 2024).

Ofendido com os ataques morais de Ariano, Caetano Veloso escolhe o Dia de Finados para devolver uma resposta provocativa na *Folha Ilustrada*. Sob o título de *Dostoiévski, Ariano e a pernambucália*, o compositor baiano destacava que Ariano Suassuna interpretava a sua canção de 1968 como um “argumento ateu do tropicalismo, sendo por isso equivalente a um suposto “princípio amoral” que Sartre teria extraído da frase de Ivan Karamazov” (VELOSO, 1999). Conforme explica o historiador Fábio Leonardo Castelo Branco Brito (2017), a publicação desses dois textos (de Ariano e Caetano) reascendia um antigo debate, mostrando que, “se não havia algo de novo no *front*, velhos ressentimentos continuavam habitando as discussões sobre a cultura brasileira” (BRITO, 2017, p. 02). Dessa forma, os dois textos publicados pela *Folha de São Paulo* colocavam em cena antigas e acirradas disputas que haviam oposto, historicamente, o Movimento Armorial, fabricado por Ariano Suassuna, e a Tropicália, onde o compositor Caetano Veloso havia assumido, desde a publicação de *Verdade Tropical*, a autoria.

Nas palavras de Caetano – ainda em resposta ao artigo *Dostoiévski e o Mal* – a antipatia de Ariano pelo tropicalismo era notória, principalmente por nunca ter sido correspondido. Depois de admirar o paraibano por ter sido autor de obras consagradas da literatura brasileira, o compositor defendia-se sustentando que o Tropicalismo não poderia ser configurado como um movimento ateu: “Na noite da apresentação de “É Proibido Proibir”, eu entrei no palco gritando “Deus está solto” e, no meio da canção, declamei o “D. Sebastião”

de Fernando Pessoa” (VELOSO, 1999). Segundo escrevia Caetano, tendo vivenciado a virada tropicalista, pôde perceber, entre outras coisas, uma volta às questões que dizem respeito à religião, “sobretudo porque [...] acreditava então estar a religiosidade tão reprimida (pelos dogmas da esquerda superficial que imperava no ambiente da música popular) quanto a sexualidade”. Caetano, que se autodeclarava ateu, ainda refletia:

[...] Mas o refrão "É proibido proibir" não carece dessas ressalvas. Ele simplesmente não pode ser tomado por outra coisa que não um paradoxo irreverente, a menos que se parta de uma atitude intelectualmente desonesta. De qualquer forma, mesmo que, pérfida ou ingenuamente, tentemos tomá-lo ao pé da letra (mas como, se ele é uma letra que emenda o pé na cabeça e não pára de girar?), da idéia de proibir todas as proibições não se deduz necessariamente o ateísmo. Ao contrário, se tivermos coragem de pensar como Sartre, é a responsabilidade moral do homem que implica a impossibilidade de Deus. [...], mas é espantoso que um autor tão erudito como Ariano o desconheça tanto, ou o entenda tão mal. [...] Quando cita diretamente a frase de Ivan é para observar: "Dostoiévski escreveu: "Se Deus não existe, tudo é permitido". É o grande erro da transcendência. Quer Deus exista ou não, a moral é um assunto "entre homens", no qual Deus não mete o bedelho. A existência da moral, na verdade, longe de provar a existência de Deus, mantém-na à distância". Isso quer dizer que os valores morais são responsabilidade dos homens, mesmo quando eles os atribuem a Deus (acerca de quem, aliás, há pelo menos tantas divergências de opinião quanto as há a respeito de normas laicas, pagãs ou profanas). [...] Como é que eu vou admitir que Ariano reduza a posição de Sartre a um irresponsável valeduto, ainda mais quando o quer ligar ao "É proibido proibir" que minha canção tomou dos estudantes parisienses, os quais, por sua vez, a tinham tomado dos surrealistas? Então Deus existe porque Ariano vê que nem tudo é permitido? Que diabo de lógica é essa? É a mesma que o deixa à vontade para tomar como universal a certeza de que toda moral deduz-se da ideia de um Deus único e absoluto. Isso simplesmente é uma agressão à história e à razão. Antes do surgimento do Deus de Moisés e de Abraão, o homem já desenvolvera normas morais. E, quanto ao ato de matar homossexuais simplesmente por serem homossexuais, no Ocidente não se poderia sequer imaginar tal coisa antes que Roma adotasse o Deus único dos cristãos. A frase "É proibido proibir" é uma deliberada transgressão das leis da lógica que, com sua carga de humor e poesia, não atrapalha os verdadeiros amantes da razão [...] (FOLHA DE SÃO PAULO ILUSTRADA. São Paulo, terça-feira, 02 de novembro de 1999).

Conforme explica Caetano, o raciocínio de Ariano era “um ataque insidioso contra a razão e a lógica”. Imaginava ainda aquele debate no Recife dos anos 1960, numa cena em que um tropicalista pernambucano – “talvez um pupilo do meu muito querido Jomard Muniz de Britto?” – dizia a Ariano que uma "ética do prazer" fundamentava a frase "É proibido proibir", e ele (Ariano) se sacudiria com o discurso irracional “do sujeito que sai atirando em travestis e homossexuais[...]”. Quando se teria dado tal debate entre tropicalistas e armoriais?

– refletia o autor do artigo. “Em 1968? Em 1986? Em 1995? [...]”. O fato, provocava Caetano, é que Ariano estava certo de que saíra vitorioso no combate discursivo: “Porque: é proibido proibir o meu amigo tropicalista de proibir que alguém mate homossexuais só porque o meu amigo tropicalista diz que é proibido proibir” (VELOSO, 1999). Os ataques a Ariano prosseguiram:

Ou seja, a frase não serve para argumentações racionais. É uma "boutade" libertária que começa justamente por desprezar a racionalidade (neste particular, aliás, ela mais se aproxima das fórmulas místicas e profissões de fé religiosa do que das argumentações sartreanas: está mais para o "se Deus não existe, tudo é permitido" do que para "a liberdade é liberdade de escolher, mas não de não escolher" de "O Ser e o Nada"). Podemos fazê-la parar de girar onde quisermos. Os surrealistas, os garotos do maio francês e os tropicalistas brasileiros nunca quisemos fazê-la parar. Mas, se fosse o caso de ter de fazê-lo, eu tomaria como definitiva a proibição de proibir alguém de proibir o assassinato gratuito de travestis e homossexuais. Porque o prazer destes não representa, em princípio, a destruição da vida ou da liberdade dos outros, enquanto o prazer do assassino imaginado por Ariano nasce exata e exclusivamente disso. Prefiro continuar crendo que Ariano jamais desejou nada semelhante a tais crimes. Mas por que a escolha do exemplo? Certamente ele partiu da pressuposição de que o tropicalista tivesse uma simpatia por travestis e homossexuais de que ele não partilhava (FOLHA DE SÃO PAULO ILUSTRADA. São Paulo, terça-feira, 02 de novembro de 1999).

Para corroborar com a hipótese de que Ariano não tinha simpatia com homossexuais, Caetano traz à memória um fatídico episódio em que Suassuna conseguiu que se proibisse a representação de “A Compadecida” por um homem travestido no papel da virgem: “o que, na época, me fez pensar em quão pouco coerente com o amor ao "teatro clássico" era essa intolerância com atores travestidos” (VELOSO, 1999).

### **Considerações finais**

Caetano prefigura aquilo que o teórico cultural Stuart Hall chamou de identidade deslocada, ou descentramento do sujeito cartesiano. Segundo Stuart Hall (2020), as transformações associadas à modernidade libertaram o indivíduo de seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas. Ariano Suassuna, por sua vez, utiliza como *topoi* elementos antigos para elaborar novas tradições, inventadas para fins bastante originais” (HOBSBAWM; RANGER, 2020, p. 13). Como observa Eric J. Hobsbawm (2020), sempre se pode encontrar, no passado de qualquer sociedade, amplo repertório destes elementos; “e sempre há uma linguagem elaborada, composta de práticas e comunicações simbólicas”. Em Ariano, as novas

tradições parecem se encaixar de forma híbrida, sendo prontamente enxertadas nas tradições velhas; outras vezes, essas tradições aparecem como inventadas, “com empréstimos fornecidos pelos depósitos bem supridos do ritual, simbolismo e princípios morais oficiais – religião, [...] folclore [...]” (HOBSBAWM; RANGER, 2020, p. 13).

O artigo *Dostoiévski e o Mal*, de Ariano Suassuna, e a resposta provocativa de Caetano Veloso, sob o título de *Dostoiévski, Ariano e a pernambucália*, se localizam em um momento histórico em que os embates culturais eram acionados diante da comemoração dos 30 anos do chamado movimento tropicalista. Segundo Fábio Leonardo Castelo Branco Brito (2017), esse momento possibilitaria muitas discussões sobre a cultura brasileira, tão caras em momentos anteriores, que seriam expressas em produções artísticas, ensaios e trabalhos acadêmicos.

Seja como for, o paraibano Ariano Suassuna e o baiano Caetano Veloso não pararam de se digladiar. Os dois personagens, tão importantes para o enriquecimento da cultura brasileira, estavam diametralmente opostos. Ariano, pertencente à estirpe ascética e rija dos sertanejos, defensor da tradição, do eixo vertical de uma acumulação cultural de séculos. Caetano, pertencente à cultura hedonista e malemote dos mulatos litorâneos, buscador insaciável do novo, do “florescer contemporâneo de mil novas formas de sentir e de pensar” (TAVARES, 2006).

Infelizmente, tais rivalidades acabaram por nunca se resolver. Nem mesmo depois que Ariano Suassuna partiu, em 2014. Em 24 de julho desse mesmo ano, o *Diário de Sertão* publicava uma matéria afirmando que os músicos Chico Buarque, Caetano Veloso e Gilberto Gil ignoravam completamente a morte do escritor e dramaturgo: “no *Twitter*, Chico e Gil registraram um ano da morte de Dominginhos, mas nada postaram a respeito do falecimento de Ariano. Caetano preferiu divulgar a turnê de “Abraço”. Nada registraram no Facebook a respeito da internação e do falecimento de Ariano” (DIÁRIO DO SERTÃO. 2014). A publicação lembrava ainda que era muito antiga a relação de atrito entre Caetano e Ariano: “os dois artistas sempre rivalizaram sobre tradição e vanguarda” (DIÁRIO DO SERTÃO. 2014). Entre o nacionalismo de Ariano e a visão cosmopolita de Caetano, destacava o *Diário do Sertão*, ninguém poderia negar que sempre se acenderam perigosas faíscas.

## Referências

**Acervo O Globo.** Ariano Suassuna, dramaturgo e escritor, em 05 de outubro de 1996, em entrevista ao Globo. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/frases/nao-possou>

[aceitar-o-lixo-cultural-um-subproduto-da-industria-cultural-americana-nao-venham-exigir-que-eu-ache-que-michael-jackson-madonna-tem-mesma-importancia-que-herman-melville-moby-dick-ou-euclides-da-cunha-13375142/](#). Acesso em 16 de dezembro de 2023.

ANTUNES, Alex. Suassuna, burro e chato. **Blog Gilberto Godoy**, quarta-feira, 30 de julho de 2014. Disponível em: <https://www.gilbertogodoy.com.br/ler-post/suassuna--burro-e-chato--alex-antunes>. Acesso em 16 de dezembro de 2023.

**Bíblia de Jerusalém**. Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Editora Paulus, 2019.

BRITO, Fábio Leonardo Castelo Branco. Sobre a Tropicália e outras artes: conflitos estéticos e debates em torno da nomeação da cultura brasileira (1982-2012). **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 43, n. 3, p. 681-692, set.-dez. 2017.

BRITTO, J. M.; MARCONI, C. Resposta a um Professor de Bestética (I). **Jornal do Commercio**, 24 maio 1968. p. 02 (Caderno II).

Fantástico, Rede Globo. **Ariano Suassuna e Geneton Moraes Neto**. Youtube, 12 de jan. de 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vqNknhtmMvQ>>. Acesso em 15 de dezembro de 2023.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na cultura**. 2ed. Porto Alegre: L&PM, 2019.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2020.

HOBBSAWM, Eric J.; RANGER, Terence (Org.). **A invenção das tradições**. 13.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

**Jornal do Commercio**. Jomard Muniz de Britto goza Ariano Suassuna. Publicado em 10 de janeiro de 2007, às 22:07. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/blogs/jamildo/2007/01/10/jomard-muniz-de-britto-goza-ariano-suassuna/index.html>. Acesso em 16 de dezembro de 2023.

MARCONI, C. Distorções de um professor “compadecido”. **Jornal do Commercio**, Recife, 21 abr. 1968c. p. 12 (Caderno IV).

Morte de Ariano Suassuna é ignorada por Chico Buarque, Caetano Veloso e Gilberto Gil. **Diário do Sertão**. 24 de julho de 2014, às 15h00. Disponível em: <https://www.diariodosertao.com.br/noticias/brasil/63822/morte-de-ariano-suassuna-e-ignorada-por-chico-buarque-caetano-veloso-e-gilberto-gil.html>. Acesso em 18 de dezembro de 2023.

**Museu Armorial dos Sertões**: Acervo Ariano Suassuna, caderno 01. Curadoria: Manuel Dantas Suassuna. Recife, dezembro de 2021, p. 17.

NETO, Geneton Moraes. A ‘Lista de Ouro’ de Suassuna: criadores que merecem o trono da cultura brasileira. **G1**. Coluna Geneton Moraes Neto. Quinta-feira, 24 de julho de 2014, às 17:57. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/blog/geneton-moraes-neto/post/lista-de->

[ouro-de-suassuna-criadores-que-merecem-o-trono-da-cultura-brasileira.html](#). Acesso em 16 de dezembro de 2023.

**O Sertão mundo de Ariano Suassuna.** Direção: Douglas Machado. Produção: Trincafilmes, em parceria com o Instituto Dom Barreto, 2001. DVD, (76 min).

SANTOS, M. P. dos. (2020). Música armorial: revisão bibliográfica. **Revista Música**, 20(2), 63-98. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/rm.v20i2.172263>. Acesso em 16 de dezembro de 2023.

SIQUEIRA, Luciano. Ariano Suassuna, Guerreiro do sol. **Vermelho**. Publicado em 25 de julho de 2014, editado em 04 de março de 2020, às 16:55h. Disponível em: <https://vermelho.org.br/2014/07/25/ariano-suassuna-guerreiro-do-sol/>. Acesso em 15 de dezembro de 2023.

SUASSUNA, Ariano. Após 10 anos afastado da literatura, o autor de “Auto da Compadecida” está escrevendo novo livro. Da equipe de articulistas: Marilene Felinto. Editor de “Letras”: Alcino Leite Neto. Entrevista. **Folha de São Paulo – Almanaque**. São Paulo, sábado, 26 de outubro de 1991. Disponível em: [http://almanaque.folha.uol.com.br/leituras\\_16jun00.htm](http://almanaque.folha.uol.com.br/leituras_16jun00.htm). Acesso em 15 de dezembro de 2023.

SUASSUNA, Ariano. Dostoiévski e o mal. **Folha de São Paulo – Opinião**. São Paulo, terça-feira, 28 de setembro de 1999. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz2809199907.htm>. Acesso em 23 de dezembro de 2023.

SUASSUNA, Ariano. Uso de palavras estrangeiras. **Folha de São Paulo Ilustrada**. São Paulo, segunda-feira, 31 de julho de 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq3107200024.htm>. Acesso em 15 de dezembro de 2023.

TAVARES, Bráulio. Ariano Suassuna e Caetano Veloso (11 de março de 2006). **Mundo Fantasma**. Disponível em: <http://mundofantasma.blogspot.com/2009/03/0931-ariano-suassuna-e-caetano-veloso.html?m=1>. Acesso em 24 de dezembro de 2023.

Tribunal Superior do Trabalho. **Aula Espetáculo de Ariano Suassuna no TST**. Youtube, 09 de maio de 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8ieVa2tVPac>. Acesso em 12 de dezembro de 2023.

VELOSO, Caetano. Dostoiévski, Ariano e a pernambucália. **Folha de São Paulo Ilustrada**. Especial para Folha. São Paulo, terça-feira, 02 de novembro de 1999. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0211199915.htm>. Acesso em 19 de dezembro de 2023.

VELOSO, Caetano. Um mico planetário. **Revista Época**, São Paulo, n. 314, 24 maio 2004. Entrevista concedida a Luís Antônio Giron.

VELOSO, C.; GULLAR, F. *et al.* Que caminho seguir na música popular brasileira? **Revista Civilização Brasileira**, n.7, ano I, mai. 1966. p.378.

*Recebido em 23 de março de 2024*

*Aprovado 15 de junho de 2024*